

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSARIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23 - 9.º ANDAR - SALA 922

ANO 11 — N.º 116

Rio de Janeiro, Abril de 1957

PREÇO: Cr\$ 2,00

Registro SI/P-214 de 8-3-1946

SEMANA DE CINCO DIAS

Por Valin

Com este título, alguns jornais desta capital vêm estimulando a iniciativa do Centro Beneficente Dr. Pereira Passos, no sentido de obter para os funcionários municipais a semana de cinco dias.

Não somos contra essa ambicionada regalia. Pelo contrário, apoiamos-la. Mas, observamos que a iniciativa partiu de um grupo de semi-parasitas que, com raras exceções, pouco fazem ou nada. Não podemos, em absoluto, combater o parasita de cartola sem reparar para os candidatos àquela pósta, que abundam pelas repartições públicas, embora sendo assalariados. Quando um cidadão precisa entrar num departamento de edificações ou quaisquer outras repartições da Prefeitura etc., que funcionam para atender ao público das 11 às 16 horas, se tiver coragem de esperar para ser atendido, observará que uma parte dos funcionários chegam para trabalhar às 14 horas e alguns até mesmo às 16, isso quando chegam. Os protocolistas e outros caçadores vão exigindo dinheiro aos procuradores de processos e aumentando tanto quanto possível a já demasiada burocracia dos municípios para melhor assaltar a bolsa das partes interessadas.

Aquêles que têm necessidade de tratar de processos nessas casas de negócio, onde por dinheiro tudo se consegue, sabem quantas vezes são assaltados desse modo: — "Quer-me ver a carga do processo tal?"

— Quanto vou levar para ver isso? indaga imediatamente o parasita. E quando o interessado não desembolsa uns cruzeiros, responde logo o burocrata parasita: "Ah! Esse processo está na mesa do chefe!" Quantas vezes o processo está já despachado e bem ao alcance de suas mãos ou fechado em suas gavetas! São assim esses funcionários que pleiteiam diminuição da semana de trabalho. E' certo que são fruto da sociedade em que vivemos. Mas não é menos certo que são eles e tantos outros agaloados que constituem a sociedade e que a corrompem. Partiu desses assalariados inúteis, bem como das repartições onde acharam emprego, a reivindicação da semana de cinco dias.

Nossa voz se levanta no sentido de apoio, não exclusivamente ao funcionalismo, mas a todos os que trabalham. Se há alguém a excluir dessa regalia, seriam os funcionários que, a parte dos que trabalham na limpeza e conservação das ruas, são totalmente inúteis à sociedade, são parasitas assalariados. Se lançarmos um olhar de justiça sobre essas máquinas humanas que trabalham em serviços insalubres, 8 horas por dia e que viajam outras 8 em trens superlotados, compreendemos a grande, a urgente necessidade de redução do horário de trabalho. Eis uma importante reivindicação por ser levantada pelos sindicatos, que até hoje tem servido mais aos patrões do que aos trabalhadores.

O sindicato não é apenas um veículo para obter aumento que por sua vez proporciona a elevação do custo de vida. Não! O sindicato é uma associação de classe que tem importante missão que desempenhar na sociedade. E' o órgão de reivindicação de uma categoria profissional que pode estender sua atividade até à tomada das fábricas, fazendo-a laborar em proveito de toda a coletividade. Os sindicatos precisam, repito, de promover um movimento, no sentido de obter a semana de cinco dias, ou as 6 horas de trabalho por dia, horário já aprovado no congresso da As-

sociação Internacional dos Trabalhadores (A. I. T.) nos congressos de Amsterdam (1925) e de Liège (1928).

Dir-nos-ão os políticos demagogos e os ultra-reacionários que assim haverá queda de produção! A esta objeção respondemos: "Para se obter boa produção não é preciso um trabalho depreciativo e violento de muitas horas, nem disciplina escravizadora. O de que se precisa é um sistema de trabalho moderno, bem orientado, bem dividido e a completa capacitação profissional e moral do trabalhador. Eduque-se o operário com uma só instrução, faça-se de cada homem um ser consciente de seus atos, um realizador, e não um servo, produtor e não escravo, consumidor conforme suas necessidades e não um mendicante.

Dêsse novo homem mais forte fisicamente, pela abundância de alimentação, teremos melhor aproveitamento de energia física adaptada aos trabalhos de sua vocação. Mas, com o operário tal qual o pretendem o Estado e o Patronato, a produção diminuirá, mesmo que aumentem as horas de trabalho. Porque são poucos a trabalhar em benefício de muitos. Na realidade, o trabalhador é um revoltado inconsciente. E' o assalariado que espereira a saída do patrão para não mais trabalhar com o mesmo cinismo com que o patrão o explora, é rebelde sem saber que é, nem onde se origina seu sofrimento nem como há de impedi-lo. Seu objetivo é o de ser indenizado de acordo com a lei do trabalho. Nesta sociedade velha e carcomida pelo cupim, o homem degenera. O profissional torna-se cada vez mais desprovido de gosto à arte, pelo aperfeiçoamento, sente aumentar-lhe a ambição do benefício imediato. Não se lhe fale num demorado estudo de aperfeiçoamento, de capacitação, que lhe imponha sacrifícios e seja demorado em seus resultados, porque ele não aceitará. Sua mentalidade é amoldada com a ajuda do ensino governamental e não se modifica senão quando espera um favorável melhoramen-

to para o dia seguinte. Esta coisa de doutrinação, de revolução da consciência, ainda que seja muito boa, é demorada, não lhe interessa, dizem. Assim é o trabalhador de hoje porque assim desejam que o seja o Estado e o Capital. Querem-no servo para que não falte ao festejo do aniversário da posse do Presidente, para que bata palmas às palavras demagógicas dos discursistas e aceitem como verdade as mais deslavadas mentiras; enfim, que acreditem como verdade tudo o que ignorem.

Quem protesta contra as injustiças praticadas em prejuízo dos trabalhadores são os especuladores de sua miséria. São os que querem obter seus votos para os explorarem. São os irreconciliáveis inimigos dos que trabalham quem mais grita: "Os trabalhadores precisam melhores salários!" Enquanto segredam aos tubarões: "E' preciso enganar este ignorante para se poder obter novo aumento nos preços dos produtos que eles mesmos fabricam!" São esses demagogos encasacados que fazem as leis ou que são chamados a prová-las. Governo é dinheiro e quem o tem é quem governa descaradamente ou escondidos atrás dos reposteiros inflando em todas as iniciativas dos governos.

Trabalhador! A semana de cinco dias de trabalho que o funcionalismo pleiteia é, para ti, dura lição. Repara que, adquirindo o município do D. F. onze bilhões de cruzeiros em impostos de toda espécie, gasta com seu funcionalismo para cobrar e escriturar a referida importância, 70 por cento em salários que oscilam de Cr\$ 40.000,00 (fiscais de teatro) até Cr\$ 3.800,00 (serventes). Pois, são esses parasitas que vivem à tua custa, por meio do dinheiro arrancado ao industrial e ao comerciante que, por sua vez, sobe o produto de teu esforço. E, mesmo assim, vivendo como fiel parasita, passando semanas sem ir à repartição, protestam e lutam pela semana de 5 dias. E tu, que trabalhas 8 horas por dia, que ganhas um salário de miséria, não pedes senão que jogue o Flamengo ou o Vasco, que a Cachaa não suba de preço, que cante Emilinha Borba e continuem abertas as casas de tolerância.

O artigo de Astrogildo

José Oiticica

A IMPRENSA POPULAR, em seu número de 4-XI-57, publicou um artigo de Astrogildo Pereira, intitulado: A PENÚLTIMA PALAVRA.

Logo de início, confessa Astrogildo seu culto, cem por cento, à personalidade de Stálin. Isso FOI, lá no passado, enquanto a PALAVRA DE ORDEM, quer dizer, a SENHA, era cultivar Stálin cem por cento.

Como, no entanto, agora, a senha é descultuar Stálin, Astrogildo cai em si e tem estas palavras fotografantes: "Mas não é menos verdade que havia, nesse entusiasmo, uma boa dose de pura imitação, de repetição, de contaminação, do tá-tá-tá meramente imitativo e propagandístico".

O próprio Astrogildo declara ter sido, em parte, aquele entusiasmo SINCERO, imitação, repetição, contaminação, puro tá-tá-tá agitado e propagandístico. Ora, se assim era, obriga-nos a lógica à conclusão de que não era aquele entusiasmo CEM POR CENTO sincero. Havia larga margem para a imitação, para a repetição, para a contaminação.

Seria essa margem muito larga ou pouco larga? Somos forçados a pender para o MUITO LARGA. O próprio Astrogildo nos força a isso.

Com efeito, imediatamente após a confissão cambaleante, envergonha-se ele do cem por cento e bate a mão arrependida no peito irresponsável: "E a mim mesmo, cabisbaixo, eu me pergunto hoje:

Segundo informações recentes, deve realizar-se no mês de abril, de 11 a 20, a conferência continental anarquista na América do Sul. O local da Conferência, previamente escolhido, é Montevideú.

Essa conferência está ansiosamente esperada pois, logo após, se realizará, a conferência anarquista mundial.

— Como foi isso? Como pude comportar-me com tamanha incompreensão? Como pude despojar-

me, não apenas do senso crítico, mas também do simples bom senso? Como pude chegar a tais extremos de passividade? Estas e outras perguntas borbulham dentro de mim, multiplicam-se, complicam-se com algumas pifias respostas, e de tudo só me resta a cinza amarga e seca de um terrível incêndio íntimo".

Essa confissão marca o homem. E' um homem cabisbaixo. Cabisbaixo porque seus amos assim o dispuseram. Os verdadeiros homens, os desligados de qualquer submissão à cilha dos amos, erram, mas não baixam a fronte. Confessam lealmente os erros e corrigem-se, mas não se aviltam. Olham seus semelhantes face a face, de olhos fitos, como fazia Heine, diante dos reis.

O pior é que essa cabeça não baixa espontaneamente; baixou porque da Rússia, dos novos amos, veio a nojenta ordem para os laçaios de todo o mundo.

Então, Astrogildo, alerta às novas imposições, virou casaca, alijou do altar o ídolo Stálin, renegou do SANTO e prontificou-se, de olho no chicote, a mudar o rumo.

Se errou idolatrando Stálin, não o fez por conformidade política ou por cálculo. Era SINCERO. Está-se vendo. Sincero, mas imensa era sua incompreensão! Coitadinho!

Em 1919, o ídolo era Lênin e o sub-ídolo Trótzki. Não havia IN-COMPREENSÃO. Os anarquistas lhe bradaram, a grandes brados, a traição torpe desses dois ao proletariado; mostraram, com a mais estardalhante evidência, que a tal ditadura do proletariado era ditadura férrea, desapidada, inédita de um grupo alucinado sobre a massa proletária. Mudaram as figuras dirigentes mas a tirania redobrou. O incompreensivo Astrogildo, apesar dos nossos brados, não compreendeu. Isso diz ele hoje.

(Cont. pag. 2)

COISAS DA PROVIDÊNCIA SOCIAL (I)

Por P. B. J.

OS TRABALHADORES VIVEM MORREM ENGANADOS, LUDI-BRIADOS, EMBALADOS COM FALSAS PROMESSAS.

Em dias do mês de junho de 1954, reuniu-se, nesta Capital, um Congresso Regional de Previdência Social para debater várias e importantes teses relacionadas com o problema da assistência ao trabalhador. Durante a sua realização, houve oportunidade de ali testemunharmos críticas sinceras, honestas, francas e bem fundamentadas, as quais, em seu conjunto, constituíram verdadeiro libelo contra o estado permanente de quase falência em que vivem os Institutos, dada a sua péssima organização e pior administração. Relembramos aqui algo do que na ocasião foi publicado pelo "Diário de Notícias", em sua edição de 20-6-1954.

"Quem melhor poderia fazer essa crítica, senão os próprios trabalhadores, senão os representantes dos sindicatos, que conhecem, pela natureza das funções que exercem, como pelas experiências de suas lutas, as falhas, os vícios, os desvios, as lacunas dos órgãos, que o governo tanto apregoa e pretende fazer crer que funcionam às

mil maravilhas? Essas críticas se exercitaram sobre uma série de aspectos e de problemas, cada qual mais relevante.

Nenhum dos oradores deixou, por exemplo, de aludir ao fato de estar a previdência colocada numa base falsa, em razão da falta de cumprimento das obrigações a que estão sujeitas as organizações governamentais pela legislação em vigor.

Em vez de cumprir o governo as obrigações a que está sujeito, o que faz é aumentar o peso das contribuições sobre os empregados, estes, sim, impedidos de ficar em atraso, até porque suas quotas são deduzidas nas próprias folhas de pagamento.

Outras críticas, não menos justas, foram feitas ao modo pelo qual vêm sendo administrados os institutos, que deixam de estar a serviço dos contribuintes, que pagam para mantê-los, para se converter em presa fácil de insaciáveis apetites partidários. São os institutos, uma parte escolhida dos despojos recolhidos pelos grupos políticos vitoriosos. Reclamam esses despojos, desde logo, partidos que só sa-

bem dar apoio ao governo estando de boca cheia. Os cálculos políticos, as distribuições de posições, não são fetos apenas à base de ministérios, de indicações de candidatos aos governos dos Estados e ao Senado. Abrangem também os institutos, em que se aboletam indivíduos sem nenhum título ou capacidade, sem nenhuma experiência no campo da previdência ou das lutas sindicais, e que fazem dos institutos simples agências, simples dependências de partidos políticos, despendendo o dinheiro dos trabalhadores em coisas que a estes em absoluto não interessam. Os representantes dos sindicatos de empregados reunidos no Congresso Regional de Previdência Social revelaram um pensamento unânime neste ponto: o de que os institutos devem ser administrados pelos trabalhadores, no interesse dos trabalhadores e não no interesse de quaisquer grupos políticos partidários.

Outras vezes, fazem esses institutos empréstimos a empresas de vários teor, de finalidade lucrativa, gerida por particulares e no interesse de particulares, ou servem de escoras a bancos periclitantes, que abririam falência se fossem intimados a restituir o capital que neles foi depositado de favor. Enquanto isso, as condições da previdência social são as mais deploráveis no que concerne ao atendimento dos casos de enfermidade e de invalidez, como sob vários outros aspectos. Vêm as-

sim os trabalhadores que estão com falsas promessas, mas começam a abrir os olhos, a verificar as mistificações de que o governo os rodeou, a se esclarecer e a ter consciência de seus direitos.

Igualmente criticada foi a aplicação das reservas financeiras desses institutos, as quais o governo e seus delegados manipulam a seu talento, sem dar a menor satisfação aos contribuintes".

Mais de dois anos são passados da realização do Congresso. Nada de novo que beneficie os contribuintes dos Institutos foi introduzido na sua administração. Pelo contrário, os dirigentes dos Partidos Políticos, principalmente o P. S. D. e o P. T. B., que sustentam, politicamente o governo, nas duas casas do Congresso, continuam disputando os lugares de direção das autarquias e esbanjando os seus recursos em negócios que fogem à finalidade de sua criação.

Ainda recentemente tomamos conhecimento, através de notícias publicadas nos jornais, de um caso ocorrido nesta Capital, que bem define a inutilidade dos Institutos continuarem a funcionar como estão sendo dirigidos e administrados. O fato, lamentável e desumano, é o seguinte: "Em dias de dezembro último, o Pósto de Benefícios do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários no Meyer comunicava ao

(Cont. Pág. 3)

Crônica Literária

Diário de outono de EUGEN RELGIS

O operoso escritor romeno Eugen Relgis envia-nos sua mais recente produção: DIÁRIO DE OTOÑO. O eminente companheiro, residente em Montevidéu (Calle Gaboto, 903, apt. 7) enfeixa, nestas 110 páginas, pensamentos avulsos, deitados ao papel desde 1945, ainda em Bucareste, e prosseguidos até 1956, já na América.

Os que sabem da vida agitada, tumultuosa, nobre e heroica de Relgis e, mais, seu profundo espírito de pensador e poeta, podem compreender que repositório precioso há nestas páginas sinceras.

Logo de saída, nos inteira Relgis de sua generosa intenção: "Se é que não estamos em condições de realizar alguma obra boa todo dia, pelo menos poderemos ter um pensamento bom quotidiano. Porque, fica o bom pensamento como estímulo para a ação; se não hoje, amanhã; se não para ti, será para outros".

Foi o livro iniciado em tempos tormentosos, os de duas ocupações estrangeiras, ambas ditatoriais: Hitler e Stálin, a SVÁSTICA e a FOICE E MARTELO.

Isso, explica, diz Relgis, o porque não vieram à luz seus pensamentos: "Se não se pode escrever nele a verdade, toda a verdade, mais vale guardá-la em si mesmo, no âmago do coração, nas profundezas da consciência". Anima-o a esperança de que um dia "a realidade de uma pobre existência entre milhões de existências, ascenderá à luz, para buscar a comunhão de nossos irmãos, de nossos semelhantes".

A idéia do livro, conta Relgis, veio-lhe quando, na paz relativa desta América, deu com velhos papéis no canto de um caixão. Foi relendo as páginas apenas anotadas com o que desejava escrever "nesse tempo de mananças, densas e silêncio" e lembrava-se do que então viveu e viu "desesperos e horrores de indivíduos e povos na contenda apocalíptica de um velho mundo que desaparece e de um mundo novo em dolorosa gestação, não chegando ainda à hora, a um tempo sangrento e radioso, de seu nascimento".

E' claro que um homem como Relgis, idealista e sensibílissimo, vindo ao mundo em tal fase histórica, havia de ter sua VIA DE AMARGURA. Todos os Cristos não de carregar a sua cruz. Tal é sua missão e seu destino. Nessa pavorosa lufalufa da segunda guerra, ante a desordem sistemática do capitalismo, desembestado no tirânico esforço de sobrenadar um dos dois grupos totalitários, a posição de Relgis, inimigo acérrimo de toda opressão estatal, havia de ser desmedidamente heroica e perigosa. Porém, sua tenacidade não arriu e ele foi posto sempre além a esperança da redenção. Caminho, já se vê, torturante "semeado, como todos, de erros, desilusões, sofrimentos, mantendo ante mim, porém, lá lon-

ge, renovadoras ilusões, esperanças idealizadas, imagens de obstinadíssima confiança em mais liberdade, verdade e beleza, mais justiça, fraternidade e, finalmente, paz criadora neste mundo.

Relgis bem sabe que essa paz há de vir, mais breve do que muitos supõem, com o fragoroso desaba dos Estados capitalistas, chegados a um ponto de irreversível falência.

Tal falência decorre do próprio regime estatal entregue sempre aos FALSOS PASTORES de que fala Relgis (p. 9). Eles os culpados, os que levam os homens "às fábricas da escravidão, aos matadouros da guerra e da falsa revolução". Se Relgis fala em falsa revolução é que existe uma REVOLUÇÃO VERDADEIRA. Relgis luta por essa revolução. Não é revolução POLÍTICA, mera troca de PASTORES, de TOSQUIADORES, senão a troca de regime onde todos sejam pastores de si mesmos e não tosquiadores ATUAIS ou POTENCIAIS dos outros homens. Relgis prega, por isso, a grande revolução incruenta, sem chacinas nem comandantes, do HUMANITARISMO, onde se valorize o SER HUMANO e se acuda cientificamente à HUMANIDADE DOENTE e angustiada.

Para mostrar exatamente o que é DIÁRIO DE OTOÑO, isto é, dar impressão real do seu valor, basta-me, creio, transcrever alguns desses pensamentos VIVOS. Digo VIVOS porque, para Relgis, só têm valor os pensamentos capazes de AÇÃO. Tais pensamentos são raros: "Não sou tão ingênuo nem presumido que suponha ser o homem o único ser raciocinante da terra. Creio antes muito escassos os homens que raciocinam de verdade. E creio mais, com o solitário e clarividente Amiel, que a maioria dos seres humanos não são homens, senão apenas candidatos à humanidade".

Seria transcrever o livro todo quer abrir ao leitor esse mostruário de preciosidades, porque Relgis PENSA verdadeiramente e, a mais, exprime seus pensamentos em concentrações artísticas, isto é, valorizados EM BELEZA.

Darei alguns exemplos:

— Nas almas predispostas ou sem capacidade própria, têm, os pensamentos dos pessimistas, o violento efeito de um comprimido de sublimado corrosivo. Será sempre seu antídoto essa diluída clara de ovo dos otimistas? (p. 13).

— A dúvida é uma balança em cujos pratos se acham, num, Deus e, no outro, Satanás. Assim, nunca estará, essa balança, em equilíbrio (p. 21).

— E' culpa do homem se se queixa da curteza da vida, do correr do tempo. Porque inventou essa máquina chamada RELÓGIO? (p. 34).

— Comida, jôgo, bateboca: — trindade da maioria. Silêncio, solidão, trabalho: — trindade de poucos — dos sábios. (p. 39).

Se estabelecessem uma hierarquia de furtos, imperdoável seria o fato de roubar a alma de um homem sério e o tempo de um trabalhador sobrecarregado de necessidades (p. 44).

— A leitura, como também a arte e a filosofia, deve ser expressão da duração e da profundidade (p. 83). Isso, em oposição ao jornalismo.

Não são apenas pensamentos isolados. Há no livro teorias, conselhos, advertências, até anedotas caracterizadoras dos tempos atuais. Vai um exemplo:

— Em que medida tem o gosto público influído nas criações de arte?

— Que pergunta! senhor jornalista. Uma criação de arte, não depende do gosto público ou de certos críticos, senão da realidade pessoal do criador. Este obedece à sua própria natureza. As maçãs não são influídas pelo gosto do consumidor. São ácidas ou doces conforme a árvore em que vingam (um arboricultor objetaria que a árvore pode ser enxertada, mas isso não altera o fundo da questão) e o consumidor escolhe as maçãs que lhe calham. Muitos preferem as azedas... Quem se deixa influenciar pelo gosto do público, não é nem pode ser criador de arte. Pois a arte — embora individuais sejam suas formas — é a expressão superior ou simbólica das realidades da vida e não dos caprichos da moda e de efêmeros artificios".

Parece-me haver dado assim, ao leitor, uma idéia, embora vaga, da nova criação de Eugen Relgis.

E' claro, não poderia ninguém avaliar a figura notável do pensador romeno por esta crônica de um livro todo episódico. Para conhecer Relgis, devemos de ler atentamente seus grandes livros fundamentais: O HUMANITARISMO, COSMOMETÁPOLIS, O HOMEM LIVRE ANTE A BABÁRIE TOTALITÁRIA, MINHAS PEREGRINAÇÕES EUROPEIAS e as monografias sobre Romain Rolland, Gandhi, Einstein, Freud, Nicolai etc. etc.

Para sentir o quanto impressiona essa vasta expressão de luta contra as forças malévolas das ditaduras, basta considerar o movimento internacional, tendente a conferir-se a Relgis o prêmio Nobel da paz.

Relgis, o companheiro insigne, bem o merece.

O ARTIGO DE ASTROGILDO

(Cont. da 1.ª Pág.)

Veio Stálin. Este intensificou a ditadura a tal ponto que ultrapassou, de muito, a vezania terrorista dos mais célebres assassinos coroados.

E Astrogildo não viu nada, não nos ouviu gritar, nem longínquos ecos lhe soaram da vociferação universal. Sua muralha incompreensiva nem a canhão vinha abaixo! Pobre criatura!

Mas, a lamúria torpe não pega. Quem lidou com Gildo lhe conhece de sobra a inteligência e a capacidade de compreensão.

Seu comportamento reles não deriva de incompreensão, mas de velhaque, manha política e cálculo ambicioso. Volta-me à lembrança a frase de João Gonçalves. Astrogildo, egresso do anarquismo, jornalista, inteligência vi-

vaz, cai no bolchevismo e, com a queda, se descalibra desastrosamente. Não perdeu só a compreensão, perdeu o SENSO CRÍTICO, mais que o senso crítico, o SIMPLES BOM SENSO! Quem diria!

Só isso? Não. Anarquista, era Astrogildo homem ativo, dinâmico, devotadíssimo à causa. Mergulhou na esterqueira bolchevista e tudo mudou. Ele mesmo agora pergunta assombrado: "Como pude chegar a tais extremos de PASSIVIDADE!". Astrogildo, o ATIVO anarquista virou bolchevista PASSIVO.

Astrogildo, assim, durante anos, não ouviu a nossa voz que lhe clamávamos, a ele e a todos os transviados: "Ser bolchevista é ser escravo, é ser lacaio, é ser lambebés. O bolchevismo afoga a ombridade humana, anula a in-

dependência, desmasculiniza os militantes e os reduz a castrados, a PASSIVOS".

Os bolchevistas que respondiam? Chamavam-nos PEQUENOS BURGUESES, vendidos a este, vendidos a aquele, mentiam, caluniavam, xingavam como desclassificados e fanáticos.

Agora, Brandão de um lado, Astrogildo do outro, confessam que tínhamos razão, razão de sobra.

PASSIVOS, entregavam-se às violências, malandrices, salafarices dos chefetes por sua vez passivos e, todos juntos, iam rodando a almanjarra nojenta do Santo Stálin, o homem de gênio.

Mas o manda-chuvas morreu e os candidatos a manda-chuvas, como os sucessores de Alexandre, não se equilibram na gangorra e fingem refazer a política de quadros. E dão ordens, ordens novas, ordens contraproducentes e arri-

piantes do curso normal das cousas

E os PASSIVOS apassivam-se mais; o gosto da passividade é tanta, que não sabem como ultrapassar esses EXTREMOS DE PASSIVIDADE a que chegou o encabrestado Astrogildo.

Porque Astrogildo continua encabrestado apesar de terem os seus amos fingido uma folguinha ao freio.

A confissão de Astrogildo o mostra. Sua renegação de Stálin não sai por conta própria. Sai porque os da Rússia mandam sair, porque, sem nova obediência bem cega, não conseguirá Gildo, nem conseguirá Brandão, retomar fôlego no partido para um dia serem ambos ativos, isto é, mandar nos outros. Porque, no regime totalitário, há duas classes políticas mauseabundas. os MANDÓES e os LACAIOS.

Os que em si sentem possibilidades de subir da classe esbordo-

da à classe esbordoante, da que apanha de relho à que maneja o relho, lutam para isso; mas a luta não pode ser aberta, às escancaras, que há campo de concentração, cadeia, expurgo, assassinios. A luta é subterrânea, luta de PASSIVOS a tentarem rasteiras eficazes nos ativos mais vulneráveis.

Ora, tal prática sugere logo baixeza, malandragem, subserviência nas manobras, insensibilidade na vingança, incomplacência na destruição dos adversários. Para satisfazer o amo supremo, há de ser um Molotov, um Vichinski, um Jagoda, um Béria e ter mão satânica de maneira tal, que elrei Satã os galardoe com mais alto posto.

NOTA: No artigo BRANDÃO E GILDO do número passado e da autoria de José Otília, corrija-se — 1.ª coluna: 3.ª linha: IN-SIGNE — 8.ª linha: LEMBRA. Página 3, 1.ª coluna, 12.ª linha: DISPLACEMENTEMENTE.

Falando Francamente

Este jornal costuma dizer as coisas como elas são, sem subterfúgios nem meias palavras, quando trata de problemas de interesse para os oprimidos do regime clerical-capitalista deste país ou de outro qualquer. Como a imprensa burguesa é a maior culpada pelo engrandecimento das mediocridades, guindando esses grandes homens a postos de direção de qualquer coisa que necessite de alguém para dirigir, é um membro dessa mesma imprensa quem vai brilhar nesta coluna, porque além do título de superintendente de uma empresa gráfico-jornalística reúne, também, os de membro da Sociedade Interamericana de Imprensa e diretor do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro. Coincidência curiosa, ou condição sine qua non: para o último cargo, são quase sempre indicados indivíduos de poucas letras e renitentes na perseguição aos trabalhadores. Quem não se lembra de Ozéas Motta? Era diretor-proprietário de "Vanguarda" (falida fraudulentamente, há poucos meses), presidente do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro e ministro do Egrégio Tribunal Superior do Trabalho. Vangloriava-se de, no exercício do cargo, nunca ter dado ganho de causa a um trabalhador. Era um título bastante honroso para tão inexpressivo e reacionário ministro. Morreu sem deixar saudades...

* * *

Como dissemos anteriormente, o atual diretor do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro, além de ocupar esse posto-chave (para mais eficientemente combater e negar reivindicações que os trabalhadores manuais e intelectuais reclamam periodicamente, devido ao alto custo da vida, que não cessa de aumentar) e o de superintendente do "J. do B.", onde exerce plenamente seus métodos fascistas (vide no "Suplemento Dominical" do "J. do B." de 17-2-1957, canto da primeira página, embaixo, o bilhete do literatigo R. J., testa de ferro do homem-forte do "J. do B.", dispensando redatores e colaboradores desse mesmo suplemento, taxando-os de reacionários), é ainda membro da Sociedade Interamericana de Imprensa e, nesta qualidade, embarcou para Cuba, no dia 24-10-1956, para tomar parte ativa na última reunião ali realizada pela S. I. I.

Esta entidade agasalha a fina flor dos tubarões da imprensa centro, norte e sulamericana e reúne-se todos os anos (sempre em lugares diferentes), para tratar de assuntos como: LIBERDADE DE IMPRENSA, PAPEL PARA JORNAIS, COM ISENÇÃO DE TAXAS E IMPOSTOS, publicidade... outros problemas mais ou menos inexpli-

cáveis para o público que paga para ler notícias e tele-

gramas fabricados ao sabor dos interesses e de acordo com o ponto de vista que cada um DEFENDE.

Como dissemos, a S. I. I. também DEFENDE a liberdade de imprensa nas Américas e, nesse sentido, dirigimos a um dos seus membros a mensagem que nos foi remetida, com pedido de publicação. A oportunidade dessa mensagem não é necessário encarecer ante as modificações havidas ultimamente na empresa que dirige, modificações que culminaram com a despedida de muitos funcionários, fatos já publicados por nós em edições anteriores. Verberamos então enérgicamente, o mau procedimento de quem se utiliza criminosamente do dinheiro e da autoridade para implantar o descontentamento e a miséria nos lares humildes e honrados dos trabalhadores manuais e intelectuais que ali ganhavam (insuficientemente) o seu sustento e o das famílias.

* * *

A mensagem é a seguinte:

Rio de Janeiro, março de 1957.

Ilmo. Sr. Superintendente da S. A. Publicidade "Jornal do Brasil, diretor do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro e "membro distinguido" da Sociedade Interamericana da Imprensa.

Prezado Sr. — Exatamente é a vós que nos dirigimos. A vós, que muito podeis, mas que muito pouco tendes feito para a melhoria de vossos humildes subordinados.

Antes de mais nada, no pórtico desta mensagem, deixai que vos previnamos de que inútil seria exigir, dêsse ou daquele empregado, de sua consciência, a revelação dos autores das críticas, justas e fundadas, que têm sido dirigidas à administração de que fazeis parte.

De mais a mais, podeis ter a certeza, não são elas feitas com qualquer intuito mesquinho ou sádico prazer de vos expor graciosamente pela rua da amargura. Poderia, quando muito, serem levadas em conta de um insopitável grito de revolta, que explode, inevitavelmente, do peito dos injustiçados.

Mais prático e de melhores resultados, para todos nós, seria que V. S., ao ler as críticas que lhe são formuladas, as analisasse com o espírito despido de qualquer precon-

ceito e procurasse, na medida do possível, dentro das reais possibilidades da empresa e do merecimento de vossos comandados, reajustar o nível de vida, sempre em ascensão para todos e não para esta ou aquela categoria profissional; que procurasse favorecer as condições de trabalho e produção, higienizando o ambiente, para o corpo e para o espírito, criando uma atmosfera de compreensão entre auxiliares, chefes e patrões.

Podeis crer que a tão apregoada paz social só se consegue quando se procura, com especial carinho, retribuir o trabalhador com o salário justo, capaz de fazer frente às suas necessidades e tratá-los como entes humanos e não apenas como máquinas de produzir e desenvolver capitais, que somente vão beneficiar meia dúzia de privilegiados, alguns dos quais nada absolutamente fazem que possa justificar os dividendos que percebem.

Dentro da oficina, no seio do trabalhador, não pode existir, também, esta ou aquela classe de privilegiados, quer pela sua categoria profissional, ou por mera simpatia. Todos são trabalhadores, com os mesmos deveres e direitos.

A produção de uma oficina é resultado lógico da soma dos esforços de todos os operários das diferentes categorias. Uma oficina de atividades complexas, que só possua operários de uma determinada categoria profissional, não conseguiria colocar nenhuma peça ou obra na rua, em condições de consumo. E isso tem que ser levado em linha de conta, quando se procede a um reajustamento. Todos são dignos, pela cooperação que dispensam, pelos esforços que empregaram. Só isso se pode compreender. O contrário será promover, de motu próprio, o descontentamento e a má vontade geral.

E quantas outras coisas mais podem ser feitas, pequeninas coisas na aparência, mas de grande efeito psicológico no espírito do trabalhador e que concorrem grandemente para a harmonia de uma corporação, refletindo-se favoravelmente no aumento e qualidade da produção!

Um pouco de observação e boa vontade podem produzir resultados extraordinários.

É só tentar a experiência, e tereis a surpresa de descobrir que os nossos companheiros são de carne e osso e dotados de sentimentos nobres.

Não nos queirais mal por isto, pois, apesar dos pesares, somos sinceros colaboradores que vos desejamos administris com acerto, fazendo Justiça, com J maiúsculo, a quem merece, nunca perseguindo e humilhando a quem se vê na dura necessidade de ter de ganhar o pão com o suor do seu rosto"...

Previsões Práticas de uma Organização Social Anarquista

Por JOSÉ OTICICA

Muitas pessoas, após conhecimento superficial do anarquismo, vendo afirmar nossos escritores a destruição do Estado, das leis, dos tribunais, do dinheiro, do comércio, das milícias, etc., tomam-nos por loucos e perguntam como será possível a humanidade viver sem esses males necessários.

Eis porque, após os Princípios e fins do anarquismo, (ver os números 112 e 113), achamos conveniente satisfazer a curiosidade desses assustadiços dando-lhes um esquema da organização social num regime anárquico. As previsões que se seguem foram escritas há mais de 25 anos. Hoje, vendo funcionar as comunidades da Palestina, já podemos afirmar o acerto destas previsões.

El-las:
1.º O território de cada país será dividido em zonas federadas, cada zona em municípios e cada município em comunas.

2.º A divisão por zonas e municípios obedecerá ao critério do ecúmeno geográfico, isto é, à feição particular de cada uma, ativamente ao gênero de indústria por explorar ou à distribuição das populações.

3.º Em cada comuna, os trabalhadores se reunirão em classes, conforme seus ofícios, manuais ou intelectuais.

4.º Cada classe resolverá, nas suas assembleias, tudo quanto se refira aos serviços comunais de sua especialidade.

5.º Para coordenação e direção dos serviços e execução das medidas tomadas nas assembleias, haverá conselhos comunais, municipais, federais e um internacional.

6.º Cada classe de uma comuna escolherá um delegado para o conselho comunal; cada conselho comunal, um delegado para o conselho municipal e cada conselho municipal, um delegado para o conselho federal e cada conselho federal, um para o conselho internacional.

7.º O conselho comunal cuidará dos interesses da comuna executando as resoluções das assembleias, dirigindo a produção, transporte e distribuição dos produtos, o serviço de estatística, a conservação das obras feitas e seus melhoramentos, o ensino primário, as artes, embelezamentos, festas, correspondências, etc. etc. O conselho comunal se reunirá diariamente e se revezará por turnos semanais ou mensais.

8.º O conselho municipal cuidará das relações entre as comunas, da distribuição dos produtos próprios ou recebidos de fora, dos pedidos e permutas de trabalhadores, especializados ou não, dos serviços internacionais, etc. etc. Reunir-se-á uma vez por semana.

9.º Os conselhos federais cuidarão das relações entre os municípios, do ensino superior e profissional, da formação de professores, dos trabalhos materiais importantes na zona que lhe couber, da instalação de usinas, fábricas, laboratórios, observatórios, estaleiros etc., podendo pedir os trabalhadores necessários, especializados ou não, de acordo com os conselhos municipais e as assembleias comunais. Esse conselho se reunirá, normalmente, uma vez por mês e seus delegados se revezarão em turnos anuais.

10.º O conselho internacional cuidará das relações entre os países, da armazenagem e distribuição dos produtos, do pedido e permuta de trabalhadores entre os países, da navegação internacional, dos grandes trabalhos de interesse universal, materiais, intelectuais ou artísticos, etc. Esse conselho funcionará permanentemente revezando-se por turnos trienais.

11.º Os delegados não gozarão de nenhum privilégio, nem serão dispensados de seus serviços profissionais senão quando suas funções de delegado lhes absorverem todo o tempo.

12.º Além dos conselhos, haverá congressos municipais, federais e internacionais de classes, onde os representantes de cada classe discutirão os assuntos especiais de cada serviço. Por exemplo, o congresso de professores, composto de um representante, professor, de cada comuna do município, ou de cada município na federação, ou de cada federação no congresso internacional discutirão as questões de educação e ensino.

13.º Nesses congressos serão apresentadas as invenções, os processos novos, os métodos que, expostos pelos autores e discutidos, serão enviados às comissões técnicas para estudo e experiência até adoção ou rejeição final.

14.º O ensino superior e profissional será ministrado em universidades constituídas em comuna, onde se instalarão laboratórios, usinas, hospitais, escolas, etc. modelares.

15.º Os professores universitários de cada especialidade constituir-se-ão em comissão técnica para exame das novas invenções, processos científicos, métodos de ensino, livros didáticos, etc..

16.º Cada comuna terá serviço completo de assistência médica e dentária com seu hospital próprio.

17.º Nos lugares mais apropriados serão instituídos sanatórios especiais, modelares.

18.º As horas de trabalho, em cada comuna, serão reguladas pelas necessidades de produção e serviços, ficando o horário a cargo do conselho comunal.

19.º Os trabalhos serão distri-

buidos, em cada serviço, atendendo-se ao vigor físico e capacidade de cada trabalhador.

20.º Os serviços repugnantes ou insalubres se farão por turnos entre os trabalhadores sem exceção, de preferência voluntários.

21.º Os encargos de direção técnica serão confiados aos mais competentes a juízo dos próprios trabalhadores, mas não conferem nenhum privilégio.

22.º Cada comuna adotará seu regime doméstico, podendo depois, por meio de congressos, adotar-se um sistema único, o mais prático possível.

23.º A instalação de escolas, fábricas, teatros, etc., obedecerá aos preceitos mais rigorosos de higiene.

24.º As casas serão ocupadas por famílias de acordo com o número dos seus componentes.

25.º A construção de templos, se os houver, e confecção de petrechos de culto serão trabalho exclusivo dos crentes, fora da atividade comum da produção. Será, igualmente, trabalho extraordinário a formação dos respectivos sacerdotes.

26.º A união conjugal, inteiramente livre, se fará por mero registro na sede do conselho comunal, podendo cada casal realizar as cerimônias religiosas que lhes aprouver nas respectivas igrejas.

27.º Ninguém poderá eximir-se do trabalho produtivo sob pretexto de religião; não será admissível pois, o sacerdócio profissional.

28.º As federações entender-se-ão para facultar, o mais possível, as viagens por toda a terra e o estágio de estudantes em países diferentes para estudo prático das línguas e manejo da língua internacional. Essas viagens se farão muito facilmente, ocupando-se os viajantes em serviços de sua profissão nas comunas onde se fixarem temporariamente (1).

29.º Os loucos serão internados em quintas especiais onde serão tratados cientificamente pelos processos mais brandos e recomendáveis.

30.º A repressão dos crimes (que necessariamente sem o dinheiro, causa de 80% deles, se reduzirão a um mínimo insignificante) será da alçada exclusiva da comuna onde ocorrer, a qual decidirá como bem lhe apraz e o ditam as circunstâncias.

* * *

(1) Isso acontece na sociedade capitalista em caso alheios à intervenção do Estado. Vi-o na Alemanha, onde as famílias alemãs trocam com famílias francesas, por tantos meses seus filhos que querem estudar bem as línguas e frequentar as universidades. Fazem seus acordos e os rapazes e raparigas não têm mais que a pequena despesa da viagem. Os homens, livres do Estado, entendem-se maravilhosamente. O mesmo far-se-ia com orquestras, elementos teatrais, professores, etc.

Os Anarquistas Portugêses mexem-se!

Traduzimos com prazer, do BOLETIM INTERNO DE INFORMACIONES EN EL EXILIO, o seguinte tópico sobre os companheiros portugueses, há tantos anos julgados pelo ditador Salazar:

Mantemos com os companheiros de Portugal relações estreitas e fraternais. Em suas missivas, dão notícias de suas inquietudes e sentimentos serem elementos ativos e profundamente preparados para achar solução aos problemas que os anarquistas e o mundo formularam, assim como para vencer as tiranias que oprimem os povos.

De sua correspondência extrairmos os seguintes parágrafos: "Tornamos imenso prazer receber vossa última carta, assim como a propaganda que vinha junto. Embora não seja muita, no sentido de não podermos com ela contrariar as forças da reação que exploram, embrutecem e oprimem, faz 31 anos, o povo português, ela nos é muito útil e benéfica. Mandai-nos toda informação possível sobre a Hungria para mostrar aos ignorantes que continuam crendo no paraíso do proletariado, que os ditadores bolcheviques em nada diferem dos mais reacionários. Sômente os superam em brutalidade... A circular sobre o Congresso Anarquista Internacional foi muito bem acolhida por todos os companheiros pois avaliámos perfeitamente o valor e a importância de que os anarquistas de todos os países se reunam em um congresso, confrontem opiniões e adotem resoluções atinentes aos árduos problemas que o mundo e a humanidade não for-

mulado. Nossa organização se pronunciará sobre o assunto quando nos seja possível".

De outra das cartas procedentes da Agrupação Anarquista do Centro de Portugal, extraímos o seguinte parágrafo: "Estamos otimistas quanto à marcha dos acontecimentos. Averiguamos que todos os sistemas estatais, por adelantados que se digam, fazem água e se desmoronam como os mais reacionários. Tudo isso nos leva a concluir que os anarquistas, agora como antes, temos razão".

Como se pode ver, os companheiros de Portugal, depois de sofrerem 31 anos de ditadura reacionária e vaticanista, continuam na brecha, com moral magnífica e ilimitada confiança em nossas idéias.

Da nossa parte, ao responder às suas cartas, alentamo-las a prosseguirem, prometendo-lhes nosso apoio no que for do nosso alcance. Comunicamos-lhes nossa impressão de que a libertação da Espanha se aproxima — conquanto não queira dizer isso que suceda amanhã — e que é de esperar que o tirano Franco arraste, em sua queda, o fatídico Salazar, pois não deixamos de ter em mira os estreitos vínculos que os ligam desde que Franco iniciou sua cruzada e Salazar devolveu à Espanha os espanhóis que, fugindo da barbárie franquista se refugiaram em Portugal, para que o déspota de El Prado os assassinasse impunemente.

COISAS DA... (cont. dá 1.ª pag.)

segurado Ramon Ranã Rodrigues que sua aposentadoria por invalidez cessaria a trinta e um de janeiro próximo. Em face dos exames médicos a que fora submetido, podia ele exercer atividade remunerada. Devia procurá-la, pois naquela data cessariam os pagamentos do seguro.

Cessaríamos antes no dia dezesseis, decerto para deixar mal o nosso perfeitíssimo sistema de previdência social, aliás louvado em todas as conferências internacionais; — o confeitiro Ramon Ranã Rodrigues era socorrido na Assistência do Meyer e falecia de asma cardíaca, insuficiência ventricular esquerda. Não conseguira convencer-se de que estava recuperado — para o trabalho e para a vida...

Há necessidade de mais alguma prova para demonstrar que os trabalhadores vivem e morrem enganados e tapeados? Claro que não!

PENSAMENTOS

"Os maiores delinquentes são os políticos que, por sua ambição, sua cupidez e suas rivalidades, fomentam a divisão e o ódio entre o povo".

"Os criminosos vulgares, comumente julgados pelos tribunais, só roubam os matam algumas pessoas. As vítimas dos políticos sobem a milhões; corrompem e arruinam povos inteiros.

Tudo prospera menos a política.

ca. Torpe, má e insensata, despoja periodicamente o ser humano de suas vantagens".

Litré

"AÇÃO DIRETA? É simplesmente agrupar os trabalhadores em sindicatos e em federações obreiras para poder conseguir, em vez de esperar do Estado e dos políticos, em vez de pedir humil-

demente e inútilmente ao Parlamento, seus justos direitos e aspirações".

Marcel Semblat

"A AÇÃO DIRETA é a reclamação da classe obreira em suas aspirações de liberdade e autonomia, em lugar de se curvar ao princípio de autoridade.

Emile Poujet.

A Carta do Padre

SAPUCAIA, 25 de fevereiro de 1955.

Prezada jovem... Sim senhora...! Esta eu não esperava da senhora! Dançando e pulando, no meio de ébrios e indecentes, depois da meia-noite de terça-feira de carnaval... E isto até altas horas da madrugada!

Que belíssimo exemplo dado por uma filha de Maria e na sua idade! A senhora não sabe que depois da meia noite de terça-feira de Carnaval terminou o carnaval para todo e qualquer católico? Não ouviu isso na missa de domingo? Ah já sei... não esteve na missa de domingo, porque sábado já houve baile! Domingo de manhã estava com dor de cabeça etc. Sei que outras filhas de Maria estiveram no baile depois da meia-noite... Sabe a senhora o que

me disse uma delas? Foi o seguinte: "Se a... que é muito mais velha do que eu e que é tão religiosa, se ela fica, por que não ficar também eu?" Que tal esta afirmação? Por seu mau exemplo, outras menores transgrediram o mandamento da Igreja. E a senhora sabe qual é a pena em que incorreu? EXCLUSÃO imediata da Pia União! A mesma pena vai ser aplicada a... Chegada de escândalos na Pia União! Fui por demais indulgente até hoje e o resultado está aí: desobediências gravíssimas e mulheres perdidas (...). Mas não vou aplicar imediatamente esta pena. SUSPENDO-AS por 3 semanas, sendo-lhes proibido tomar parte nas Comunhões Gerais, usar fita e distintivo, etc. Se nestas 3 semanas vierem pedir

desculpas e prometer SOLENEMENTE que no futuro se vão sujeitar humilde e integralmente às leis da Igreja e da Pia União, serão novamente admitidas. Mas já lhes aviso: se se arrependem e no futuro cometerem nova falta, não haverá mais contemplação! Peço o especial obséquio de comunicar o conteúdo desta carta às outras faltosas e diga-lhes que desejo vê-las nas missas dominicais. Entendido?

Sem mais no momento, assinome respeitosamente.

Pe. JOÃO CASPARY — Pároco e diretor da Pia União.

NOTA — Transcrição da carta do Padre João Caspary. Omitimos os nomes das senhoritas e senhoras acusadas, em respeito à sua delicada situação.

Extraída da Revista "HOJE", de Porto Alegre, de 14 de abril de 1955.

Juventude Sadia

Por PETER DANTEC

A revista "Manchete" de 16-2-57, publicou uma reportagem sobre "A Juventude Transviada", ou os "Blue-Jeans," "Rock and Roll". Após ler a referida reportagem quem só de um lado vir as coisas fica perplexo, porém nós que vemos sob outro aspecto, isto é, vemos outra juventude, não nos alarmamos de ver retratada a juventude que nada faz de útil, pois sabemos e o autor o confirma (Jânio de Freitas) ao dizer: "desa juventude é que sairão os futuros dirigentes do Brasil: políticos, industriais, comerciais". Continuando diz: "Isso é fatal, uma vez que os mais expostos ao "bluejeanismo" são os jovens de melhor situação econômica, destinados a substituir os pais..."

Pelo que diz o autor acima, fica bem claro, para quem não é papalvo, que os filhos da burguesia são mesmo filhos da... falta de prática dos fazedores de anjos. Dessa juventude nada esperamos, pois sabemos que são jovens frustrados, futuros gíglolos, rufiões, proxenetas; as moças, mariposas, messalinas, prostitutas por amor à carne e aos prazeres (pois assim se tornam não pelo dinheiro, mas, em parte, por ele e pelo desejo de variar). Enfim, são jovens desgarrados do rebanho, pois a verdadeira juventude não exhibe seus livros, porque não os têm e é modesta, simples e ingênua, nada possui a não ser a fé de vencer, de ajudar os seus progenitores que os geraram conscientes e não nasceram por negligência dos fazedores de anjos. Ela é consciente, abnegada, esforçada, às vezes mulambenta, mas com vontade de ferro, sabe o que quer, não tem dinheiro, nem tão pouco espera herdá-lo, não perde seu

tempo nas esquinas contando as suas proezas (apoquentações à empregada, vizinha, e até mesmo às pobres vovós, dos outros é claro...).

Pois bem! Esta juventude sadia, não encontra quem a ajude, quem a estimule, quem faça reportagem exigindo melhoria para os futuros homens que lutarão para que as condições de seus filhos sejam melhores que as deles. Ela não encontra quem exija que se faça algo por ela, porque seria desmoralização (acham eles é claro) para o país se soubessem que futuros médicos, engenheiros, físicos, químicos, professores, etc. carregam latas de água, trouxas de roupa, para suas progenitoras ganharem o pão que o Diabo amassou com o rabo. Outros são vagalumes nos cinemas, camelôs, engraxates, fachineiros nos edifícios, porque, nestes, a limpeza pode ser feita à noite e eles roubaram suas horas de sono para ganhar o vil metal que o sustentará, como também os seus. Essa juventude sadia não fica ruborizada quando surpreendida em seus labores, nem tão pouco, quando está na Biblioteca Nacional ou discutindo o desconto do magro cruzeiro, com o livreiro lá do "sebo". Ela não faz propaganda de seu esforço, nem se exhibe na televisão. Como a formiga ela trabalha calada; fisicamente é débil pois passa fome; mas, moralmente, não há força que a desvie de sua meta. Esses sim são os jovens do Brasil. Não sabem rebolar; entretanto, sabem o que é a luta pela vida e para saber algo. Dela será o amanhã.

Nada se consegue sem sacrifício e luta, desde o parto até a luta pela sobrevivência; quanto mais o saber!

No Paraíso de Salazar

XVII Por Edgart Rodrigues

Os estudiosos portugueses, sabem que o Salazar foi deputado nos últimos anos da República. Sabem igualmente que fez parte da comissão de finanças do governo republicano, que desenvolveu sua propaganda eleitoral como quis ou soube fazer, servindo-se da liberdade que hoje nega aos seus adversários políticos. Mas, o que poucos sabem é quem era um tal Alves da Silva, poderoso propagandista clerical. Assíduo colaborador do "Imparcial" (órgão do Centro Acadêmico Democrata Cristão, Coimbra), ali combatia as doutrinas liberais e, muito especialmente, a lei que acabou com a prostituição nos conventos. Esse católico reacionário em certa conferência que proferira, tratando da Democracia e da Igreja, assim se exprimia: "Uma democracia não pode subsistir quando concede privilégios a uma classe em detrimento de outra". Este protesto contra a Lei de Separação da Igreja e do Estado (lei que limitou a atividade maléfica dos monstros da batina) proferida por Alves da Silva, porta-voz da Igreja de Roma, e tantos outros de sua autoria, deixavam antever um movimento de vingança, de traição. Seu grito era o protesto do clero ferido de morte nos seus interesses comerciais, desse clero que nunca perdoa, aos seus adversários.

E quem era Alves da Silva, o destemido porta-voz da Igreja de Roma? Nem mais nem menos que o pseudônimo de Oliveira Salazar, hoje famoso tirano do Sta. Comba Dão. Desmascarado o defensor da Igreja, esse franciscano sem hábito, resta perguntar, porque concede privilégios aos católicos em detrimento das outras tendências religiosas? Acaso não achava o hipócrita que a República não poderia viver, sem proteger a todos por igual? Cumpre por acaso o Salazar as afirmações que fizera com o pseudônimo de Alves da Silva? Não é verdade que concede aos monárquicos-reacionários, à escumalha clerical, ampla liberdade para insultar seus adversários, para impingir mentiras (graças ao dinheiro do Fundo do Desemprego), no jornal e no li-

vro, criando uma mentalidade de rebanho no povo? Não é verdade que prende e deporta os liberais sem lhes permitir sequer defenderem-se? Onde está a moral do Salazar ante este contraste? Não é conceder privilégios a uns em detrimento de outros a publicação entre muitos outros, dos jornais católicos-monárquicos: "Novidades" — órgão do patriarcado; "A Voz" — jornal onde os padres insultam seus adversários; "O Mensageiro", "Brotéria", "O Distrito de Portalegre", "Voz de Domingo", "Voz de Fátima", "A Guarda", "A Nossa Posição", "Voz de Lamego", "Correio da Beira", "Folha de Fondela", "A Flama", "Ecos do Sameiro", "Diário do Minho", "Gazeta de Coimbra", "Correio de Coimbra", "Alcoa", "Almonda", "Reconquista", "Ordem", "Gazeta da Aldeia", enquanto proibe a publicação dos jornais liberais: "A Batalha" — diário anarco-sindicalista; "A Vanguarda" — semanário anarquista "A Aurora" — revista da mesma ideologia; "Avante" — porta-voz bolchevista e, posteriormente, os semanários literários; "Humanidade", "Sol Nascente", "Globo", "Ler", "Vida-Social", "Diabo"; "Pensamento"; "Debate"; "Voz da Justiça"; "Sol"; "Árvore"; e tantos outros. Os diretores deste último foram submetidos a inquérito policial por publicarem um artigo em louvor do poeta francês Paul Edouard.

Dêste contraste dos "privilégios" podemos arrancar a máscara ao franciscano Alves da Silva e perguntar: quando cumprirá os atos que tanto censurou aos outros, servindo-se para tal propaganda da liberdade que jamais concedeu aos seus adversários políticos?

Mas, não foi só o Salazar que serviu a Igreja de corpo e alma. Também o conhecido Dr. Beirão (Marcelo Caetano) ilustre reacionário, cometeu o abuso da liberdade de imprensa concedida pelo regime republicano até 1926, para defender os vícios e os crimes da Igreja. O Dr. Beirão e Albano Pereira Dias de Magalhães, fundaram a revista "Ordem Nova" da qual foram diretores (março

de 1926/8). Nela colaboraram os conhecidos ultra-reacionários, Domingos Gusmão de Araújo, Nuno de Montemor, Manuel Maria, Pedro Teotônio Pereira, José Luiz da Silva Dias, António de Abrantes Tavares, José Manuel da Costa (este último é hoje o chefe do Secretariado Nacional de Informações, melhor dito, o D. I. P. lusitano). Os citados acéfalos pregavam, por ordem da Igreja, a ditadura clerico-militar-fascista. Esses servos do clero são os governantes de há trinta anos a esta parte, os assassinos da liberdade de que tanto se serviram.

Para que fique bem patente esta denúncia ao mundo livre e os partidários do fascismo salazarista no Brasil não possam desminti-lo, citarei mais este exemplo: foi proibido pela censura portuguesa a representação da peça brasileira "Moral em Concordata", de autoria de Abílio Pereira de Almeida, nos teatros de Lisboa. A Companhia Maria Della Costa (brasileira) só conseguiu sua encenação depois de ter mutilado completamente o último ato, apesar dos incriveis esforços junto aos censores salazaristas para que lhe fosse permitida a representação tal qual havia sido representada nos teatros de S. Paulo (Última Hora, 8-1-57).

Esta amostra dos rigores da censura salazarista à peça brasileira, inspirada sob um ar livre serviria para que os jornais do Brasil desencadeassem uma campanha contra tão absurda medida dos tiranos portugueses, mas, não o farão porque estão contaminados pelo fascismo salazarista.

PARTIDÁRIOS DO FASCISMO DE MUSSOLINI E PROPAGADORES DA DITADURA, HOJE CONTRA SALAZAR — Muitas vezes se tem escrito mostrando a cumplicidade de alguns ditos republicanos na revolução que implantou o fascismo em Portugal. Nunca é demais repetir esta verdade, para que os vindouros não se iludam com os que concordam com a ditadura sobre os outros, com os que só se revoltam quando a violência pesa sobre eles. O povo, esse escravo de mãos calosas, não pode nem deve confiar nos demagogos, nos contrabandistas da política. Basta de sofrimento, basta de ser enganado. A ditadura mantém-se por-

que a ambição dos chamados "revolucionários", antes de fazer de flaglar os planejados movimentos revolucionários, se desentendem na escolha das pastas por ocupar. Essa ambição é que continua mantendo no poder Salazar. Outro fator que tem concorrido para que o fraciscano de Sta. Comba Dão continue esmagando o povo português é o medo que os oposicionistas têm de armar os trabalhadores. Enquanto isso, a ditadura continua e só cairá quando apodrecer por completo.

Recentemente, um grupo de intelectuais enviaram ao Presidente da República (sem função) um memorando assinado por 50 elementos, alguns deles tanto ou mais reacionários do que o Salazar. Um dos integrantes da referida lista é Rolão Preto, monárquico e fundador das milícias de camisa verde, precursoras da chamada Legião Portuguesa (que Salazar teve a habilidade de chamar ao seu domínio) é uma espécie de Plínio Salgado português. Copiou as milícias das suas congêneres "camisas negras" — italianas; e das "Sturmabteilung" — camisas pardas alemãs. E' bem verdade que Salazar, amigo e grande admirador do falecido ditador italiano, não deixaria de pôr em prática os seus métodos, aliás os da Igreja de Roma, que o Duce executou a rigor.

Quem conhece esse organismo que se chama "Alegria pelo trabalho", em Portugal, verifica ser ele cópia fiel do "Popolavoro" italiano e do "Kraft durch Freude" alemão. Isto quer dizer que, com Rolão Preto ou sem ele, os métodos fascistas seriam postos em prática na terra lusa. O que nos surpreende, e para isso chamamos a atenção do povo, é que, enquanto se prendiam e deportavam milhares de trabalhadores (alguns sem julgamento) e se mataram outros nos cubículos da P. I. D. E., esses demagogos aploavam e batiam palmas ao "Antonio das Contas", Mendes Cabeçadas, presidente relâmpago no período em que estalou a revolução de 28 de maio de 1926, traiu os compromissos tomados no quartel da Guarda Republicana no Carmo (Lisboa) de resistir aos insurreitos. Foi outro colaboracionista da ditadura e agora, quando os policiais do Salazar o perseguem,

ei-lo revolucionário. Sua voz silenciosa diante das deportações para Timor por ordem do Coronel Ferreira do Amaral, mas hoje também é opscionista.

Cunha Leal, uns dos que mais pregaram a ditadura e a pena de morte no Parlamento, é hoje (depois de ter sido preso) um dos cobatentes contra o salazarismo. Angelo Cesar, ex-deputado salazarista, apaixonado defensor dos policiais assassinos do médico de Espinho, Dr. Ferreira Soares, tornou-se, de um momento para outro e por habilidade, anti-salazarista. Henrique Galvão, revolucionário do 28/5, deputado salazarista e autor de vários livros, alguns exaltando a obra de Salazar, sofre hoje na prisão, por ter denunciado roubos praticados pelos ministros da ditadura que ele ajudara a implantar.

Acaso o povo português pode acreditar nestes e em tantos outros militares e civis, que colaboraram no espancamento dos trabalhadores, que assistiram, ajudaram e apoiaram a destruição dos organismos operários pela P. I. D. E., que permitiram e colaboraram na mais criminosa obra que um tirano podia pôr em prática? Não! Deixemo-los pagar pelos seus erros de cálculo político! Alguns desses valentões levantaram sua voz contra o regime, depois de 1945, quando o pupilo dos franciscanos anunciava eleições livres. Foi nessa data que esses moralistas discípulos do Salazar, acharam oportuno mudar de rótulo, trocar de indumento. Mau palpito, má oportunidade, pouca sorte! Pensavam agradar ao povo e continuarem deputados, ontem da ditadura, hoje da República, mas os seus cálculos falharam. Como não se realizaram eleições livres, os oportunistas vieram cair por terra seus cálculos, e hoje sofrem nas prisões um pouco do mal que ajudaram a praticar contra os trabalhadores e intelectuais das esquerdas. O que os oportunistas de hoje estão fazendo é o mesmo que fizeram os seus antepassados que, monárquicos se infiltraram, por cálculo, nos partidos da república por onde conquistavam acesso aos cargos principais. A revolução em Portugal tem que ser radical ou redundará numa segunda ditadura.

As ditaduras matam as ciências e as artes, embrutecem o ser humano, criam rebanhos que caminham às apalpadelas como cegos. Essa é a principal preocupação dos ditadores e Salazar nisso tem sido mestre, pois sua sabedoria tem produzido um espantoso (ainda que ridículo) efeito: o de convencer o estrangeiro de que, em sua pátria, há liberdade e não há roubos. Um perfeito paraíso! Entretanto chegam-nos às mãos notícias de que estão sendo julgados no Tribunal Plenário (do Pôrto) falsamente acusados pela P. I. D. E. de "atentar contra a segurança do Estado", 52 pessoas, entre eles o Dr. Prof. Oscar Lopes (expulso há longo tempo da sua cátedra e impedido igualmente de fazer crítica literária no jornal "Comércio do Pôrto). Os sabujos da P. I. D. E., continuam a violar a correspondência e recentemente descobriram o envio de alguns números do jornal "AÇÃO DIRETA" que um português residente no Rio enviou a um velho amigo residente na Ilha da Madeira e lá foram prender o madeirense como se ele tivesse cometido algum crime. Em Portugal é proibido, sabem todos os portugueses do Brasil, ler os jornais brasileiros.

Hoje, quando o fascismo não tem mais razão de ser, embora visivelmente implantado em Portugal, recordamos palavras de Hitler, "As boas relações entre a Alemanha e Portugal interessam-me profundamente; tanto mais que o atual regime português se inspira em princípio e objetivos que, em muitos campos, são orientados no mesmo sentido que os do regime alemão". Isso dizia Hitler de Portugal enquanto o Salazar afirmava: "Tenho orgulho de dizer que a obra da ditadura portuguesa, guardadas as proporções do meio, não é inferior, nos seus resultados e nas suas diretrizes, à obra da ditadura italiana. Mussolini é uma das mais fortes individualidades do nosso tempo, o portador duma nova mentalidade".

Hoje o povo português vive triste e amendrontado com as perseguições policiais aos ordens de Salazar que ainda se esforça por imitar os falecidos ditadores. Eis a nova mentalidade que o grande tirano quer impor ao povo português: ignorância, servilismo e silêncio.

Para Maior Glória de Satanás

O ENSINO RELIGIOSO PODERÁ SER EXTINTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO RIO. — E já vai tarde! — Lemos num matutino desta Capital que o ensino religioso poderá ser extinto nas escolas do Estado do Rio de Janeiro. O projeto de lei apresentado por um deputado à Assembleia daquele Estado deverá ser votado brevemente e talvez aprovado, porque a maioria dos deputados é de opinião que a lei que tornou obrigatório o ensino religioso nas escolas é inconstitucional. Enquanto o autor do projeto recebe telegramas de apoio outro deputado do Partido Democrático Cristão escreveu e mandou circular a todos os párocos do Estado do Rio. A referida circular foi lida durante os sermões em várias igrejas, sendo acusados o autor do projeto e os deputados que o assinaram, de inimigos da Igreja. Como se vê, os homens de batina são de briga. Não querem perder a situação confortável em que estão colocados. Mas o autor do projeto que quer a liberdade do ensino, ministrando-o exclusivamente a quem quiser, também **topa qualquer parada**. E disse — Venci o primeiro round. A batalha vai ser dura, mas espero vencer". E acrescentamos nós: Esse movimento de desintoxicação mental devia ser extensivo a todo o país, para que o Brasil se livre de uma praga mais perniciosa que a da sávia...

Quando a Igreja agoniza, outras seitas, também perniciosas, expandem seus domínios.

Na noite de 31-12 último, "enquanto as Igrejas celebravam missa e a renovação do Sacrifício de Cristo no Calvário, para redenção e felicidade dos homens", para uma assistência que brilhou pela ausência, a orla marítima da Guanabara transformou-se numa verdadeira consagração a Yemanjá. Como nos anos anteriores, é uma espécie de revide ao escândalo verificado com a realização do Congresso Clerical em 1955, no mesmo local onde agora, todos os anos, se reúnem, com ou sem chuva, os adeptos da seita que tanta dor de cabeça está pro-

vocando a D. Jaime Câmara, pois enquanto suas Igrejas se vão despovoando cada vez mais, Yemanjá conquista as ovelhas desgarradas do redil. A humanidade nada lucra com a transformação dos seres humanos de uma para outra religião, mas é fato incontestável que a Igreja Católica está perdendo terreno nas posições conquistadas e seus adeptos cada vez mais diminuem. Ainda bem. O resto virá depois, com a educação do povo, educação que se vai processando. Lentamente, mas vai, embora contra a vontade de quem sempre se negou a facilitar esses conhecimentos à Humanidade: o clero romano.

SATANÁS "TEM AS COSTAS LARGAS" MAS COM ELE NINGUÉM PODE. — Os maiores da Igreja Católica que já andam de cabeça inchada com os adeptos de Yemanjá, estão alarmados também com o vulto que está tomando a "Legião da Boa Vontade". Recentemente fundada nesta Capital, com estação de rádio própria e sucursais nas Capitais do Brasil e... futuramente em todo o Mundo (é o que eles dizem) a nova Igreja, da qual podem fazer parte católicos, protestantes, ateus, comunistas, macumbeiros, espíritas e todos os dsajustados religiosos, econômica e socialmente, pretende substituir a desmoralizada e agonizante Igreja Romana.

O arcebispo de Pôrto Alegre, a falta de outros argumentos lógicos para defender a sua religião e a Igreja de quem é escravo cem por cento, afirma que "Satanás é um Deus na "Legião da Boa Vontade". Isso porque, num poema publicado na revista da Legião, seu diretor indaga: "Porque não transformar num bom amigo a Satanás"? Podemos afirmar com toda segurança, que Satã, quando se rebelou contra o seu suposto criador, o fez porque desejava ser o que é: completamente livre, sem obediência a quem quer que seja; e tão bem se tem dado com esse modo de viver, que, apesar da guerra sem quartel que as Igrejas movem, desde séculos, ain-

da não conseguiram vencê-lo. Continua mandando e dirigindo o mundo diccionariamente. Ele é invencível. Só não o sabem os cegos e surdos de nascença... e os católicos.

COM O APOIO NA FALSA CARIDADE, OS PADRES EXPLORAM A VIGARICE DAS RIFAS. — As ruas desta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, mais conhecida como Cidade Maravilhosa dos vigaristas com e sem batina, andam cheias de espertalhões que, acobertados pela impunidade de que gozam e apoiados na falsa caridade, vivem explorando Deus e todo o Mundo com rifas de automóveis, rádios, refrigeradores e televisões. Todas as rifas trazem o rótulo de beneficentes, não se sabe para quem. O fato é que, nas ruas centrais do Rio e em outras cidades do Brasil, muito padre robusto e bem nutrido, em vez de ficar nas Igrejas, sai à rua com um automóvel de chamariz e um caderno de talões de rifa na mão, impingindo cupões para sorteio, através de loterias inexistentes ou de difícil consulta. As delegacias de Economia Popular que deviam fiscalizar esse meio fácil de conseguir dinheiro, nada fazem para que a exploração tenha fim. O governo clerical-capitalista, que digere este país, está cumprindo religiosamente o seu papel... tolerando tudo.

CONTRASTES E CONFRONTOS. — Quem alguma vez, obrigado ou espontaneamente, leu algo sobre a religião católica romana e não é completamente imbecil, chegará, facilmente à seguinte conclusão lógica: "Jesus se ocupou só do céu. O Papa ocupa-se quase exclusivamente da política e tem embaixadores junto de todas as nações do mundo. — Jesus nunca se confessou, nem confessou os outros; os padres instituíram (inventaram) a confissão para conhecer os segredos da família, principalmente das moças, casadas ou viúvas.

Jesus veio servir e dar a vida para redimir a Humanidade. Os Papas fazem-se servir e têm ocasionado a morte de milhões de homens que não pensavam como eles. Jesus nasceu pobre, e pobre viveu e morreu. O Papa possui terras e palácios. O Papa habita

uma revolta é um acicate que constrói. Por meio dela, realizamos aquilo que nunca pensávamos que um dia pudéssemos realizar. Vai-se ao combate e vence-se.

A revolta cria dentro de nós uma mola que nos impulsiona para cima, para o verdadeiro, para o melhor!

A revolta coordenada com o pensamento exato e com a ação direta, destrói, modifica e constrói novamente, com mais base, com mais firmeza, com mais igualdade, fazendo a justa felicidade a todos.

Pensar que podemos aplicar o sentimento de revolta no combate à mentira e à hipocrisia é exaltarmos a verdade, seja qual for ela, para maior glória do Anarquismo!

B. Bach

um palácio que contém onze mil câmaras, o mais vasto do mundo. No Brasil, os católicos são os maiores proprietários de terras e imóveis, cuja venda é incalculável. Sob o infinito. Os Papas e seu Clero tanto são incapazes de fazer milagres, que, quando alguém os faz, eles os atribuem ao demônio.

Jesus não precisava de Templos para orar; o clero não os dispensa. Pelo contrário, estimula a sua construção, com duplo objetivo: embrutecer os crentes com as pantomimas da celebração do Santo Sacrifício da Missa e marcar encontros com o sexo feminino para consumação da lenda bíblica: "Crescei e multiplicai-vos".

Jesus disse que a casa de Deus não era mercado; o clero-romano faz do Templo balcão. Não cobrava pelo bem que fazia; o clero-romano inventa meios de ganhar dinheiro, seja por que maneira for. Jesus nunca se intitulou Deus. O clero-romano diviniza o Papa como único representante na Terra. Para finalizar: Jesus não tinha onde repousar a cabeça. Seu vestuário era simples. Vêde o guarda-roupa do Papa... E o trono em que se assenta vale uma fortuna, que tiraria muita gente da miséria..." (Extraído da Comédia Infernal, de Elias Timbó e publicado no jornal "Hoje", de Pôrto Alegre, em 11.6.55, com alguns "enxertos" de P. B. Junior).

REVOLTA